



BARBIE: ANÁLISE FÍLMICA SOB A ÓTICA DE VYGOTSKY

FILM ANALYSIS FROM A VYGOTSKYAN PERSPECTIVE

Ana Letícia Guedes Pereira

Faculdade Carajás

E-mail: annaleticiagp@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4188-1604>

Gabriela da Costa Neto

Faculdade Carajás

E-mail: gabycostty@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-4582-7013>

Maria Sandra Araújo Leite

Faculdade Carajás

E-mail: sandra-mba@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-5472-3685>

68

RESUMO

O presente artigo teve como objetivos compreender se a boneca Barbie contribui na disseminação de ideias relacionadas a superioridade de um modelo de corpo ideal e ainda como a boneca pode ser inserida no desenvolvimento infantil em relação a maneiras de se expressar e pertencer a cultura na qual as crianças estão inseridas. Para realização do mesmo foi adotada a metodologia da análise fílmica, que leva em conta aspectos internos e externos ao filme. Duas personagens são ressaltadas, a Barbie Estereotipada e a Barbie Estranha. Como referencial teórico foram utilizados os estudos de Vygotsky (1984) sobre zona de desenvolvimento proximal. Por meio dos resultados e discussões verificou-se que o filme Barbie reflete pressões estéticas e um padrão de beleza que pode afetar negativamente a autoestima das crianças. Além disso, as experimentações realizadas na boneca denominada Barbie Estranha ressaltam a necessidade de proporcionar às crianças brinquedos que possam estimular a imaginação e a criatividade.

Palavras-chave: Brinquedo. Desenvolvimento. Cultura.

ABSTRACT

This article aimed to analyze the impact of the representation of the Barbie doll on social beauty ideals and child development. It sought to understand not only how the doll affects the self-esteem of girls and women but also how it influences children in terms of cultural belonging. The methodology employed was the film analysis of "Barbie" (2023), with a focus on the characters Barbie Stereotyped and Weird Barbie. To do so, the study proposed to conduct discussions using the concept of the zone of proximal development, as proposed by Vygotsky (1984), who argued that play, just like make-believe, constitutes this zone of development. Through the discussions presented in this work, it was found that Barbie reflects and perpetuates aesthetic pressures and beauty standards that can negatively affect children's self-esteem. Moreover, it emphasizes the need to promote a culture that values diversity and the self-esteem of children, avoiding the imposition of harmful standards represented not only by Barbie but also widely propagated in today's media.

Keywords: Toy. Development. Culture.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir das inquietações das autoras em relação ao longa-metragem Barbie (2023), a proposta da autora do filme aparentemente é realizar uma sátira ao universo cor-de-rosa no qual a boneca vivia, entretanto, o filme suscita questionamentos que envolvem o desenvolvimento infantil. Para refletir sobre o longa-metragem as autoras optaram por realizar uma análise fílmica com os objetivos de compreender se a boneca contribui na disseminação de ideias relacionadas a superioridade de um modelo de corpo ideal e ainda como a boneca pode ser inserida no desenvolvimento infantil em relação a maneiras de se expressar e pertencer a cultura na qual as crianças estão inseridas.

Para tanto, optou-se por utilizar como referencial teórico o conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (1984), para este autor o desenvolvimento real se refere ao que a criança já consegue realizar sozinha. Já o desenvolvimento potencial trata-se do que a criança pode realizar por meio da mediação e a zona de desenvolvimento proximal representa a distância simbólica entre essas duas.

Vygotsky (1984), afirmava que o brinquedo também se constitui em uma zona de desenvolvimento proximal e se referiu em especial a brincadeira do faz de conta, pois, esta possibilita a interação, por meio da imaginação, com o significado ao invés da interação mediada pelo objeto concreto que a criança tem em mãos. Sendo assim, é essencial fornecer à criança a possibilidade de brincadeiras que promovem a criação de situações imaginárias.

Vygotsky (1984) também afirmou que ao nascer a criança já é integrada à cultura, e esta é passada para a criança por meio de brincadeiras realizadas pelos adultos. Este autor ressalta o papel da imitação no desenvolvimento e aprendizagem infantil, para ele um ensino sistemático não é único que pode propiciar zona de desenvolvimento proximal para a criança, o brinquedo também apresenta esta potencialidade, pois, ao brincar a criança internaliza regras e características culturais que irão orientar seu desenvolvimento na esfera cognitiva.

Infelizmente para muitos adultos o brincar é encarado como um passatempo ou uma distração infantil, entretanto esta atividade deveria ser valorizada e estimulada tendo em vista seu papel no desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Barbie: Pressão Estética Social e o Estereótipo de Beleza Feminina

Ao longo da história, a aparência física feminina tem sido alvo de constantes discussões e padronizações das sociedades. Em função disso, diferentes ramos da ciência, sobretudo estudiosos da psique, geram debates acerca de todos os possíveis fenômenos desse processo de construção e de como isso influencia nos comportamentos e escolhas das mulheres.

No mundo hipertecnológico, midiático e globalizado da atualidade, a pressão social sobre as mulheres tende a tomar proporções inimagináveis, visto que cada vez mais a aparência é tida como parâmetro de valor, aceitação e pertencimento social, que pode garantir sucessos e definir fracassos em quaisquer áreas da vida (FERRAZ; SERRALTA, 2007). Estar fora do padrão é incorrer no risco de estar à margem. É ficar sujeita a vivenciar os mais diferentes tipos de transtornos sociais, como a discriminação, o preconceito, a vergonha e, até mesmo, a exclusão. Tal fato afeta diretamente a maneira como as mulheres se percebem, sobretudo a autoimagem que elas possuem sobre si, e como elas desenvolvem sua autoestima.

Nesse contexto, segundo Rosenberg (1965), entende-se por autoestima um conjunto de sentimentos e pensamentos do indivíduo sobre o próprio valor, competência e adequação, que se reflete em uma atitude positiva ou negativa em relação a si mesmo. Já a autoimagem pode ser descrita como a figuração mental do corpo (SCHILDER, 1994). Sendo que a autoimagem, enquanto afeta diretamente a autoestima, é construída de acordo com padrões socioculturais em que o indivíduo está inserido (SOUSA, 2001).

Assim, sob o incessante olhar dos outros, as mulheres se veem obrigadas a experimentar o constante distanciamento entre o corpo real, que possuem, e o corpo ideal, que buscam incansavelmente alcançar (BOURDIEU, 1999). Sinais naturais do desenvolvimento da vida, viram faróis de julgamento e exclusão, tais como marcas de envelhecimento ou de gestações, etc. Como consequência, há uma corrida desenfreada para encaixar-se no padrão de beleza socialmente difundido, recorrendo-se a todos os recursos possíveis, desde os mais convencionais, como a prática de exercícios físicos, dietas, entre outros, aos mais invasivos, como a Cirurgia Plástica Estética (CPE).

O filme Barbie tem como base a história da franquia de bonecas Barbie, pertencente à empresa Mattel, e é o primeiro neste formato lançado até então. O interesse de personificar a famosa boneca já é público desde 2009, quando a Mattel noticiou a parceria firmada com a Universal Pictures para a produção, no entanto, o projeto não foi concretizado.

As filmagens foram iniciadas apenas em março de 2022, após mudanças respectivas de direitos de gravação para a multinacional Sony Pictures e, finalmente, para a Warner Bros. Pictures. A premiada atriz e produtora Margot Robbie foi escalada em janeiro de 2019 para o papel principal de Barbie Estereotipada, como é chamada no longa. Já o personagem Ken Estereotipado, reconhecido como possível par romântico da Barbie, foi vivido pelo também premiado ator Ryan Gosling.

O roteiro, por sua vez, foi escrito pelos renomados Greta Gerwig e Noah Baumbach, que tiveram como inspirações fontes tanto na música, como na literatura, como a obra *Reviving Ophelia*, de Mary Pipher, que retrata os diferentes efeitos das pressões sociais vividas pelas adolescentes americanas.

Sabe-se que os filmes, tais como as revistas, os jornais e os demais registros documentais e de mídia difundidos, são tidos como registros sociais, ou seja, como um recorte da história de uma sociedade. Assim, um filme deve ser analisado com base nas

pistas delineadas por ele e os pesquisadores são, portanto, os responsáveis pela interpretação e avaliação de quais são as mais pertinentes para a investigação proposta.

De acordo com Mombelli e Tomain (2014), a análise fílmica é uma metodologia que se dá através da utilização de trechos de filmes e é baseada em interpretações, contudo, não há um caminho a ser seguido. Estes mesmos autores comentam que é preciso levar em conta a época na qual a obra foi retratada. Ou seja, o período econômico, social e cultural no qual ele foi produzido. A realização de uma pesquisa bibliográfica é vista como imprescindível para compreender as temáticas que se relacionam com os objetos selecionados para a análise fílmica.

Barbie em seu Universo Cor-de-Rosa

“E como a Barbie pode ser qualquer coisa, as mulheres podem qualquer coisa!”. Assim é apresentada a boneca que encantou gerações nos primeiros minutos do filme “Barbie”. Quebrando com o estereótipo do maternal compulsório, condicionado às meninas desde a mais tenra idade por meio de bonecas que mimetizam bebês, a primeira cena evidencia como a bela e perfeita Barbie Estereotipada, protagonista da trama, mudou todo o contexto social e ampliou as possibilidades femininas no “Mundo Real”. Ou pelo menos é o que ela acredita, como bem salienta a narradora.

Todos os personagens que povoam as histórias já criadas pela empresa Mattel residem na Barbielândia. Um mundo perfeito, onde as comidas são imaginárias e os carros se dirigem sozinhos, a Barbielândia é uma sociedade matriarcal, na qual todas as posições de poder são ocupadas por mulheres e os Kens, incapazes de executar quaisquer tarefas minimamente complexas, apenas existem para disputar entre si a atenção das barbies.

As primeiras cenas são responsáveis por resumir o dia-a-dia perfeito das barbies na Barbielândia, além da relevância e variedade dos trabalhos exercidos por elas; as barbies são médicas, advogadas, astronautas, escritoras, jornalistas, etc. Além disso, observa-se que o mundo das barbies é um mundo onde a diversidade é celebrada, e isso fica mais evidente ao analisar-se a maneira como a protagonista é chamada: loura, magra, olhos azuis e de aparência delicada, ela é chamada de Barbie Estereotipada.

O pontapé do roteiro é dado quando, após um passeio desprezioso das barbies e Kens na praia, o Ken Estereotipado, no desespero de vencer a disputa com o Ken Asiático pela atenção da personagem principal, tenta surfar uma onda radical (esporte deveras perigoso para os Kens praticarem). Como consequência, o Ken Estereotipado sofre um acidente e é levado às médicas para atendimento urgente. Durante a consulta fica evidente a irrelevância dos Kens no contexto social da Barbielândia, sobretudo com a afirmação do Ken após receber um elogio da Barbie à sua coragem:

“Sabia que eu não trabalho como surfista” disse ele, “e muito menos como salvavidas, como muita gente pensa por aí, porque o meu trabalho é só... *praia*.”

O Ken então se convida à casa da Barbie, no que ela informa que dará uma festa enorme, com todas as barbies, coreografia ensaiada e música tema e afirma que ele deveria aparecer lá. Na festa, no ínterim em que todos se divertem dançando e celebrando, tudo muda. Enquanto a Barbie Estereotipada faz um discurso sobre como todos os dias vividos na Barbielândia são perfeitos, este, o anterior e todos os outros que viriam, ela questiona:

“Já pensaram na morte?”

Discos arranhados, grunhidos de surpresa e paralisia total de todos os presentes, a Barbie Estereotipada então percebe que falou algo inadequado e, diga-se de passagem, nunca antes proferido. Na tentativa de retomar o clima de celebração, ela convida todos a voltarem a dançar, mas a preocupação ainda permanece evidente em suas expressões faciais e, posteriormente, quando ela dá boa noite às suas amigas barbies e afirma:

“Eu com certeza não estou mais pensando na morte!”

Com um novo dia se iniciando na Barbielândia percebe-se que algo está mudado, não apenas com o mundo cor-de-rosa perfeito, mas também com a Barbie. Mau-humor matinal e mau-hálito, água gelada, waffle tostada e leite estragado, foram alguns dos indícios de desajuste na rotina perfeita da protagonista. A saída da mansão é marcada não por um suave e elegante voo do andar de cima para o solo, que imita a forma que as crianças brincam com suas bonecas, mas com um tombo desastrado no chão.

Já na praia, mais um evento surpreende a Barbie Estereotipada quando ela tenta acompanhar uma barbie que a convida a correr para o mar: seus pés, antes inclinados

para o encaixe perfeito nos sapatos de salto alto, ficam achatados, o que a desequilibra e a leva de cara no chão, de novo.

Sem entender direito o que está acontecendo e como andar com seus pés nessa nova configuração, a Barbie se senta num banco próximo a ela e é logo rodeada de amigas que tentam entender o que houve. Uma delas questiona se ela caiu.

“Tô tão envergonhada!” responde a Barbie Estereotipada, com evidente constrangimento.

“Barbie não sente vergonha” diz outra. “Eu sei, Barbie,” ela responde “é que eu não sei como explicar isso, é que os meus pés, os calcanhares, estão no chão, eu parei de andar na ponta”. Todas então olham para baixo e uma pede para ver. Quando a Estereotipada levanta os pés a reação geral é de nojo e de um estridente “PÉ CHATOOOO!”, seguida de gritos de espanto.

Neste ponto, vale ressaltar a já visível oscilação na autoestima da protagonista, dado que autoestima tem a ver com o juízo de valor e a aceitação que um indivíduo faz de si (Coopersmith, 1967). O novo e incompreendido sentimento de vergonha experienciado pela até então Barbie “Perfeita” Estereotipada, é uma possível consequência da ruptura com o padrão de perfeição pré-estabelecido na sociedade em que ela está inserida. A possibilidade de apresentar defeito, o que no contexto da Barbielândia pode indicar que se é descartável, choca com a maneira que a Estereotipada se vê até então e a leva a questionar não somente sobre si, já que a boa autoestima requer que o eu interior esteja de acordo com o que é manifestado no mundo (Silva; Silva, 2004), como também sobre a finitude da vida.

A conversa segue entre as barbies:

“Eu sei que eu sou a barbie estereotipada e que isso engloba conjecturas de causalidade entre fatos que ocorrem na vida em um período de tempo, mas aconteceram coisas que podem ter a ver” ela respira fundo e narra os eventos que encarou ao acordar.

“Você está com defeito” diz uma, seguida por uma negação da Estereotipada.

“Eu nunca vi esse tipo de defeito (...), olha, você vai ter que visitar a barbie estranha”, completa outra. Apesar da recusa, as barbies explicam que a Barbie Estranha era a mais bonita de todas, mas que alguma criança brincou pesado demais com ela no Mundo Real, e que, desde então, todas as barbies que apresentam defeito vão visitá-la em busca de ajuda.

As barbies então zombam da aparência da Barbie Esquisita e exaltam o tratamento de exclusão social ao qual ela é submetida, enfatizando que este tratamento sequer é podado quando ela está presente.

Neste momento percebe-se que a pluralidade vista na Barbielândia é, na verdade, apenas superficial. As convenções sociais estão postuladas em ideias pré-concebidas do que as barbies devem ou não aparentar para que sejam aceitas nos grupos sociais, isto é, apesar de diversas, elas não podem ser “defeituosas”. Diante disso, tem-se que são os estereótipos que fundamentam as atitudes negativas e atos de discriminação, os quais se manifestam nas circunstâncias em que ocorre um tratamento considerado injusto em decorrência da aceitação de uma pessoa a um grupo social (Bass, Tomkiewicz, Adeyeme-Belo & Vaicus, 2001; Fiske, 1998).

Em seguida, a Estereotipada vai até a casa da Esquisita, que fica localizada distante das outras barbies, um outro ponto que evidencia a condição de pária que ela vive. Observa-se que toda a conjuntura em que a Barbie Esquisita está condiz com sua posição social; seu comportamento é diferente do das outras barbies e sua casa recebeu o nome de Casa Estranha, nome este designado pela própria dona. Com isso, verifica-se a diferença na autoimagem da Barbie Esquisita nutre, sobretudo em comparação com a das outras barbies. Enquanto as outras barbies são confiantes e enxergam as próprias características como vantajosas, mesmo que isso esteja aquém do esperado a depender dos contextos, a Barbie Esquisita define tudo que a cerca como estranho e/ou disfuncional.

Nesse contexto, Gouveia et al (2005) define a autoimagem como a percepção que a pessoa nutre de si em comparação ao retorno de sentimentos, ações ou pensamentos em seus relacionamentos interpessoais, isto é, a imaginação e o autoconceito perante os outros. Sabendo-se que as mudanças que ocorrem ao longo da vida afetam a autoimagem, na mesma medida em que afetam o tratamento da sociedade para com o indivíduo, há ocasiões em que a autoimagem se apresenta como sintomas de distúrbios da área intelectual (Egito, 2010), o que pode explicar o comportamento e vida excêntrica da que foi concebida como a mais bela de todas (Barbie Esquisita), visto que o ocorrido com ela no Mundo Real afetaram sua esfera de vida na Barbielândia.

A Estereotipada, então, explica o motivo de sua ida até a Casa Estranha e é surpreendida com o surgimento do que ela soube ser celulites em suas pernas, mais

um indício de defeito. A Barbie Esquisita sugere que a solução para os problemas da vida da Estereotipada pode estar no Mundo Real, que possivelmente a menina que está brincando com ela está triste e enfrentando problemas na vida e que isso ocasionou um rasgo na realidade da Barbielândia e que, para resolver este problema, a Barbie Estereotipada deveria ir até a garotinha e ajudá-la. Assim, a Estereotipada partiu para Los Angeles em busca da solução para seus problemas, na companhia do Ken Estereotipado, que apareceu de surpresa.

Após a realização desta breve introdução em relação ao filme, tendo em vista os objetivos estabelecidos para realização deste artigo, serão destacadas duas personagens: a Barbie estereotipada e a Barbie estranha. Apesar do filme representar personagens oriundos de diferentes etnias, é necessário destacar que aparentemente a diversidade representada se dá somente em relação a tonalidade de pele, pois todas as personagens têm o mesmo estilo de vida da Barbie estereotipada.

Dá-se ênfase a aquisição de bens materiais, como casas e carros e supérfluos, como roupas e acessórios, bem como a um estilo de vida no qual se observa uma preocupação excessiva com o universo externo, o que fica evidente na realização de festas cotidianas e também no momento no qual a personagem principal sugere uma reflexão e introspecção em relação ao tema da morte, o que não é bem recebido pelos seus colegas.

A mensagem compreendida pode ser a de que as mulheres podem ser o que desejarem desde que tenham uma rotina de cuidados voltada à aparência e a aquisição de roupas que acompanhem as tendências do mundo da moda, bem como a preocupações que se esgotam neste universo, sem reflexões em relação a situações esperadas no ciclo vital do ser humano, tais como a morte.

Sob este aspecto Angwin (1996), destaca que ao se dedicar boa parte do tempo ao mundo exterior é possível esquecer a riqueza do mundo interior, porém, a sabedoria exige disposição para olhar para dentro. Cabe ao ser humano realizar uma opção, ele pode alimentar o vazio interior com guloseimas exteriores, ou pode percorrer o mundo interior do inconsciente, descobrindo que aquilo que temia é um tesouro de riquezas.

Pode-se destacar também Piorsky (2016), que salienta que as crianças precisam de espaços para contemplação, devaneio e solidão, o excesso de tarefas, excesso de informação, retiram esses espaços das crianças, excessos de uma forma geral obstruem o fluxo da imaginação infantil. Uma rotina voltada à participação em festas cotidianas

também se constitui em uma negação destes espaços necessários ao desenvolvimento da criança.

No mesmo sentido, Angwin (1996) menciona o Oráculo de Delfos e a mensagem: conhece-te a ti mesmo, destacando que esta é uma contribuição positiva que fortalece o ser humano.

Sendo assim, manter distante preocupações como por exemplo, a que foi relatada pela Barbie estereotipada em relação a finitude da vida e recorrer a festa, a dança e ao flerte para se afastar destes temas, que podem ser encarados como guloseimas exteriores, pode conduzir o ser humano a situações que não propiciam o desenvolvimento e o conhecimento de suas próprias potencialidades.

Por outro lado, Vygotsky (1984), afirma que a brincadeira é a atividade mais importante para a criança, pois, é por meio dela que a criança comunica seus sentimentos, ansiedades e emoções, a criança que tem esta possibilidade terá um desenvolvimento equilibrado.

Vygotsky (1984), afirma que o brinquedo não satisfaz apenas desejos, ele também possibilita a expressão da raiva e a exteriorização de angústias e isto é essencial para a criança. Sendo assim, quando no longa-metragem a expressão da angústia por meio de questionamentos em relação à vida humana é desestimulada pode-se compreender que há também uma falha em relação ao brinquedo que é disponibilizado para as crianças.

Oaklander (1980), é outra autora que ressalta que a criança utiliza o brincar para expressar situações difíceis, em seus atendimentos ela estimula a fantasia e a utiliza como instrumento terapêutico para compreender o que se passa na vida da criança de acordo com a perspectiva dela própria.

Cabe destacar também que apesar da preocupação em evidenciar uma pluralidade e diversidade entre os personagens do filme, a personagem principal continua a ser a mulher branca, loira, com olhos azuis, ou seja, a hegemonia branca se mantém intacta. Sendo possível questionar se a boneca não está a serviço de uma disciplinarização dos corpos, no sentido compreendido por Foucault (1987). Este autor comenta que há uma série de estratégias que são sutis e que existem na sociedade, voltadas à produção de comportamentos por parte da população. No caso da boneca e do filme analisado, as crianças podem compreender que para serem aceitas

socialmente e para serem bem-sucedidas nesta sociedade elas devem atender ao padrão apresentado pela Barbie.

Del Priore (2000), comenta que a imprensa aparentemente valoriza a individualidade e a identidade feminina, mas por outro lado é promovido um culto ao corpo, que só é possível obter quando a mulher tem a possibilidade de realizar investimentos financeiros para alcançar esse ideal de beleza. Desta maneira é possível refletir se a boneca também não estaria a serviço deste culto ao corpo que a autora comenta e se as meninas não estariam propensas a sentir vergonha e ódio em relação ao próprio corpo quando o mesmo não condiz com o padrão de beleza da Barbie.

Em fevereiro de 2023, o Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul noticiou que em 2019 o Brasil foi o país que mais realizou cirurgias plásticas no mundo e em 2020 caiu para a segunda posição, neste mesmo artigo, pesquisadores comentam que há pouco espaço para diversidade em relação aos corpos e refletem sobre consumo e ideal de beleza.

Tendo em vista os fatos expostos, é possível questionar se a boneca Barbie está inclusa nesta lógica que instiga o consumo, vale lembrar que a mesma foi criada no pós-guerra, época na qual o aumento do consumo era estimulado.

Com relação a Barbie estranha, ao longo do filme é possível compreender que a criança que brincou com ela realizou manipulações para além das referências dadas pelo universo adulto em relação à boneca.

A criança, trocou a roupa da boneca, abriu as pernas da mesma, desenhou em seu rosto, cortou seu cabelo e modificou seu vestido. Vygotsky (1984), destaca a importância da criança explorar livremente o brinquedo, mesmo que esta exploração não esteja de acordo com aquilo que foi proposto pelo adulto, não cabe ao adulto interromper a criança, ela precisa descobrir as possibilidades que ela tem diante do brinquedo, pois, o aprendizado não se dá somente por meio da imitação e das respostas prontas fornecidas pelo mundo adulto.

Os adultos podem se sentir desconfortáveis diante das explorações realizadas pelas crianças e podem acreditar que elas não estão valorizando os brinquedos caros que são comprados para elas, mas estas experimentações fazem parte do processo de conhecimento e expressão de si mesmo e do mundo a sua volta.

As bonecas estão entre os brinquedos que ampliam as possibilidades de expressão e elaboração simbólica.

Vygotsky (1984), enfatiza o faz de conta, pois esta brincadeira possibilita que a criança se relacione com o significado atribuído ao objeto e esta atividade auxilia na passagem das ações concretas com objetos em direção ao pensamento abstrato. Pode ser que a brincadeira realizada pela criança com a Barbie estranha tenha caminhado nesta direção.

Sabe-se que atualmente muitos brinquedos já estão prontos, não sendo necessário que a criança explore sua imaginação. As crianças são superestimuladas em relação aos brinquedos, a Barbie também pode ser compreendida desta maneira, visto que ela representa um modelo de corpo e estética ideal. Entretanto, a criança que brincou com a Barbie estranha fugiu deste parâmetro, experimentando outras possibilidades de brincar com a boneca, o que remete a imaginação e ao faz de conta, que são essenciais para o desenvolvimento da criança.

Por mais que a Barbie estranha tenha sido excluída no mundo cor de rosa da Barbie e que sua aparência não seja aprovada pelas outras bonecas, este brinquedo possibilitou a expressão da imaginação e a possibilidade de uma manipulação diferente por parte da criança, o que possibilita um ambiente adequado para o seu desenvolvimento.

Machado (2020), destaca que o brinquedo disponibilizado à criança quebra o ciclo natural do brincar. Este ciclo é formado pelas etapas do desejar, planejar, executar e desfrutar, porém o brinquedo artificial faz com que essas etapas sejam puladas indo direto para a fase final do processo. Pensar como é possível colocar o brinquedo em prática, refletir sobre sua dinâmica e engenharia, tentar executar o que foi imaginado, errar, tentar novamente e assim por diante estimula a imaginação infantil.

Esta autora também comenta que a criança pode se encontrar acomodada devido ao consumo e a aquisição de brinquedos prontos e artificiais, mas bastam algumas ferramentas velhas para restaurar a força sonhadora, recuperando a dignidade do brinquedo artificial e destes objetos que se revelam matéria nas mãos da criança. Aparentemente foi esta força sonhadora que ressurgiu pelas mãos da criança que manipulou a Barbie estranha, fazendo com que a mesma explorasse o brinquedo, analisando possibilidades para recriá-lo.

Machado (2020), também comenta que criar brinquedos faz com que as crianças coloquem em prática estratégias necessárias para a vida adulta, criar exige

concentração e atenção, habilidades necessárias para o desenvolvimento de tarefas no âmbito da vida profissional.

Vale citar também que a Barbie está inserida em uma lógica na qual rapidamente seus acessórios se tornam obsoletos, tendo em vista a constante necessidade de renovar o guarda-roupa da boneca, o que não proporciona um espaço/tempo de criação que favoreça a estimulação da imaginação da criança.

Piorski (2016), comenta que a quantidade de brinquedos que é oferecida e disponibilizada a criança não necessariamente proporciona o maior desenvolvimento da criatividade e imaginação, podendo inclusive causar um processo oposto ao esperado.

Este mesmo autor faz um apelo para que as crianças possam brincar com elementos da natureza que propiciem estímulo à imaginação e o sentimento de pertencimento.

Quando se pensa em brinquedo é essencial pensar na possibilidade de ampliação das possibilidades da criança, aos adultos cabe zelar para que as crianças tenham acesso a possibilidades de expressão que levam ao aprendizado e desenvolvimento. O filme Barbie propôs uma sátira em relação aos ideais difundidos pela própria boneca, mas será que isto é suficiente para que a sociedade possa refletir sobre o desenvolvimento infantil dentro deste contexto no qual o culto ao corpo é cotidianamente estimulado?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ofereceu uma análise profunda das implicações da representação da Barbie e sua influência na disseminação de ideais relacionados a um modelo de corpo ideal, bem como no desenvolvimento infantil em relação a maneiras de se expressar e pertencer à cultura na qual as crianças estão inseridas. As reflexões apresentadas destacam a complexidade dessas questões, enfatizando a necessidade de uma análise crítica e contextual.

O estudo revela como a sociedade impõe pressões estéticas e padrões de beleza que afetam diretamente a autoestima de meninas e mulheres. A Barbie, como ícone cultural, reflete essas pressões ao representar um modelo de corpo ideal que pode influenciar a autoimagem das crianças desde tenra idade. A busca incessante por se encaixar nesse padrão de beleza pode levar a comportamentos prejudiciais, como a

busca por cirurgias plásticas. Isso ressalta a importância de promover uma visão mais diversa e inclusiva de beleza e de incentivar a aceitação do corpo tal como é.

Além disso, a discussão sobre a Barbie "Estranha" no filme destaca a importância do brinquedo como ferramenta de expressão e elaboração simbólica para as crianças. Apesar de o filme mostrar a boneca como pária na sociedade em que vive, evidenciou-se que permitir que a criança explore livremente o brinquedo, mesmo que isso fuja dos padrões esperados pelos adultos, promove a manifestação da imaginação e do faz de conta no desenvolvimento infantil. Essa abordagem ressalta a necessidade de oferecer às crianças brinquedos que ampliem suas possibilidades de expressão e aprendizado, ao invés de restringi-las a padrões rígidos.

Em resumo, este estudo oferece uma análise crítica das influências da boneca Barbie na sociedade contemporânea, destacando a importância de promover uma cultura que valorize a diversidade, a autoestima e a imaginação das crianças, permitindo-lhes desenvolver-se de maneira plena e saudável. É fundamental que a sociedade reconheça a responsabilidade de oferecer às crianças modelos mais abertos e inclusivos para que possam crescer confiantes e capazes de explorar seu potencial em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ANGWIN, R. *Cavalgando o dragão- O mito e a jornada interior*. São Paulo: Cultrix, 1994.
 BARBIE. Direção: Greta Gerwin. Produção: David Heyman; Margot Robbie; Tom Ackerley e Robbie Brenner. Local: Inglaterra. Distribuidora do filme: Warner Bros Pictures, 2023. DVD (114 min).

BASS, K.; TOMKIEWISCZ, J.; ADEYEME-BELO, T.; VAICUS, C. *Workgroup productivity: the implications of African-American's racial stereotypes for cooperative job design*. Work Study, 2001.

BOURDIEU, P. *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
 COOPERSMITH, S. *The antecedents of self-esteem*. San Francisco: Freeman, 1967.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

EGITO, J. L. *Auto-estima e auto-imagem*. 2010.

FERRAZ, S. B.; SERRALTA, F. B. *O impacto da cirurgia plástica na auto-estima*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, [S. l.], v. 7, n. 3, p. 557-569, 2007. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10880>. Acesso em: 17 out. 2023.

FISKE, S.T. *Stereotyping, Prejudice, and discrimination*. In: D.T. Gilbert, S.T. Fiske e G. Lindzey (Eds), *The handbook of Social Psychology*, 4 (2) 357-411. New York: McGraw-Hill. 1998.

FONTANIVE, S. *Número de cirurgias plásticas cresce a cada ano e suscita debates sobre a autoimagem na sociedade do consumo*. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/numero-de-cirurgias-plasticas-cresce-a-cada-ano-e-suscita-debates-sobre-a-autoimagem-na-sociedade-de-consumo/>. Acessado em 09\10\2023.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. O nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 33ª edição, 1987.

GOUVEIA, V. V. et al. *Auto-imagem e sentimento de constrangimento*. *Psico*, v. 36, n. 3, pp. 231-24, set./dez. 2005.

MACHADO, A. *Ciclo do brincar. Educando tudo muda*. São Paulo, 2020. Disponível em: <http://www.educandotudomuda.com.br/tag/ciclo-do-brincar/>. Acessado em: 12\10\2023.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIN, C. dos. S. *Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos*. *Rev. do Programa de Pós-graduação em Comunicação*. Juíz de Fora. Vol, 8. n, 2. dez. 2014.

OAKLANDER, V. *Descobrimo crianças*. São Paulo: Summus, 1980.

PIORSKI, G. *Brinquedos do chão: A natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

ROSENBERG, M. *Society and the adolescent self-image* Princeton: Princeton University Press, 1965.

SILVA, M. F da; SILVA, M. J. P da. *A auto-estima e o não-verbal dos pacientes com queimaduras*. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 38, n. 2, jun. 2004.

SOUSA, M. do S. F. *A Ferida Exposta: um estudo sobre a autoimagem de crianças com lesões corporais*. Dissertação de Mestrado. Psicologia Clínica, 2001.

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: As energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.